

## TEMPORALIDADES DA PAISAGEM CULTURAL DO PORTO DE PELOTAS: UMA LEITURA ATRAVÉS DA ICONOGRAFIA

GUILHERME PINTO DE ALMEIDA<sup>1</sup>; SYLVIO ARNOLDO DICK JANTZEN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – guinotauro@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – mundodick@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A zona portuária da cidade de Pelotas, banhada pelo Canal São Gonçalo, constitui uma paisagem cultural com relevante valor histórico, ambiental e representativa da memória regional. Canal que comunica a Laguna dos Patos com a Lagoa Mirim, em cuja margem esquerda está a planície da futura cidade de Pelotas. Terras as quais, juntamente com a das margens de seu afluente Arroio Pelotas, sediaram as charqueadas, tão significativas para a economia regional e brasileira no século XIX (GUTIERREZ, 2004).

A cidade, enquanto construção social no tempo, é composta por diversas temporalidades, através de permanências e rupturas (PESAVENTO, 2005). O entendimento do mundo parte da percepção da realidade e do imaginário. Esse imaginário constrói-se a partir de discursos, verbais ou não verbais - dentre estes, a imagem. A iconografia histórica da cidade constitui substancial manancial de evidências das cidades do passado contidas na cidade do presente. Uma leitura criteriosa dessa iconografia pode constituir importante contribuição para o enriquecimento de sua historiografia, enquanto narrativa visual de sua cultura material (BURKE, 2017).

O uso da imagem como fonte documental é relativamente recente no campo da historiografia, suscitada por discussões críticas, levadas a frente por historiadores da chamada História Cultural ou Nova História. É consenso de que a imagem comunica, expressa, significa. Entretanto, a leitura dessa comunicação, de sua expressão, de seu significado precisa ser criteriosa e tão profundamente crítica quanto possível, sob a pena de incorrer-se em ‘armadilhas’. Dentre os perigos estão a generalização da análise e a ausência de observação ao contexto de produção da imagem. Longe de ser evidência, a iconografia - especialmente os registros fotográficos, precisam ser encarados como indícios. (BURKE, 2017).

No vasto campo de estudo da arquitetura e do urbanismo, em geral, o emprego da imagem é inerente. A representação gráfica pelo desenho constitui sua essência, enquanto instrumento para entendimento e gramática de produção do espaço arquitetural e urbano. Fotografias, mapas, plantas, gravuras, entre outras, são de uso corrente como representações da cidade e seu imaginário. A pesquisa em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo a imagem e a iconografia histórica vêm contribuindo para a leitura da cidade.

O trabalho constitui parte da pesquisa de mestrado “Possibilidades de leitura da paisagem cultural do Porto de Pelotas desde sua iconografia”, em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU). O referencial teórico é a obra do historiador Peter Burke, em especial o estudo crítico Testemunha ocular - o uso de imagens como evidência histórica.

O objetivo geral é contribuir para enriquecer as narrativas históricas e o conhecimento a respeito do objeto de estudo - a região portuária de Pelotas. Como objetivos específicos, busca-se: a) traçar uma narrativa historiográfica crítica da zona portuária de Pelotas, pautada na análise da iconografia relativa,

que permita desvelar a construção de tessituras dessa paisagem cultural; b) discutir a medida de validade da fonte iconográfica como instrumento que permite relacionar história e transformações do espaço urbano; c) identificar quais as possíveis leituras temáticas e/ou temporais da paisagem desde sua imagem (representação); d) sistematizar a documentação iconográfica pesquisada.

## 2. METODOLOGIA

Quanto à metodologia, a pesquisa adota abordagem crítico-dialética. Confronta as observações de Burke para as possibilidades do uso da imagem como fonte documental na historiografia, refletindo em específico sobre a cultura material inferida, sobretudo aspectos das temporalidades da arquitetura e do urbanismo da zona sul da cidade de Pelotas.

O trabalho foi organizado conforme as etapas: revisão bibliográfica; coleta e sistematização do material iconográfico; cruzamento das informações; exposição das possibilidades de leitura.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de algumas fotografias permite apontar indícios da transformação da materialidade e da ambiência do espaço do cais do Porto de Pelotas. As informações da cultura material observadas corroboram e evidenciam informações obtidas na bibliografia relativa. O primitivo aspecto construtivo do cais, estruturado em estacada de madeira, é retratado em uma fotografia de acervo da Biblioteca Nacional do Brasil, datada do final do século XIX. A imagem (Figura 01) mostra o carregamento de grandes navios junto ao trapiche de uma charqueada, situada em parte do espaço do atual cais. Em primeiro plano, o referido muro de arrimo primitivo. A imagem permite ainda observar aspectos das embarcações, do movimento de um carregamento de charque, couros e graxa, além da arquitetura, como o galpão da respectiva charqueada.



Figura 01 - Navios atracados no Fundeadouro do Porto de Pelotas. Séc. XIX.

Fonte: Acervo Biblioteca Nacional do Brasil.

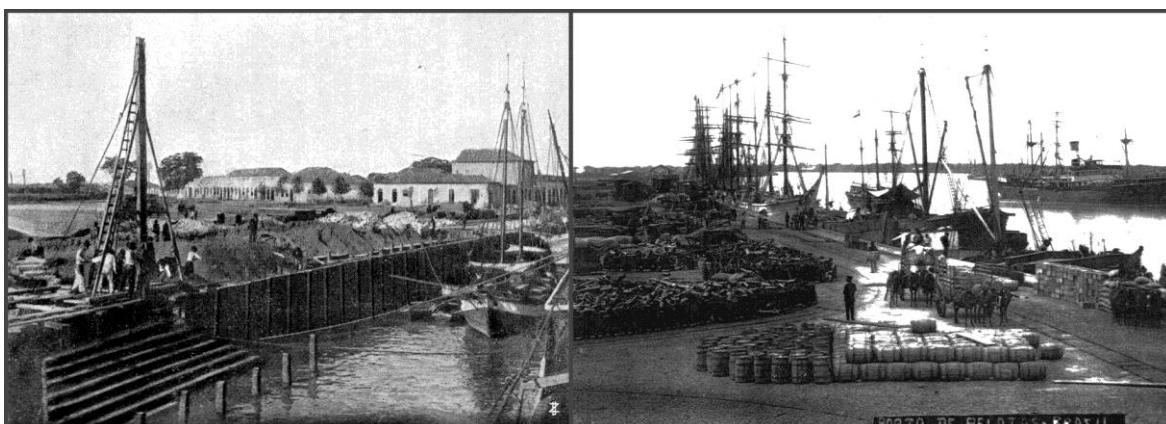


Figura 02 - Construção do primeiro cais estruturado em alvenaria; Vista geral do porto de Pelotas. Início do século XX. Fonte: Acervo Almanaque do Bicentenário de Pelotas.

Outras imagens trazem evidências interessantes de temporalidade posterior do cais. A Figura 2A traz uma vista do cais apanhada desde uma embarcação no Canal São Gonçalo, registra as obras realizadas entre 1905 e 1906, da primeira estruturação em alvenaria daquele equipamento urbano. A cena apresenta trabalhadores operando antigos equipamentos de construção, sobre terra revolvida, junto à margem, já contida por novo muro de arrimo. A escadaria de um dos trapiches de uma antiga companhia de navegação também aparece na fotografia. Ao fundo, à direita, antigos casarões, inclusive um sobrado, que logo seriam demolidos.

Datada de alguns anos após, a Figura 2B, por sua vez, apresenta uma vista geral do cais. A quantidade de carga disposta no largo fronteiro ao cais, bem como junto aos navios é bastante evidente. Ao fundo, à esquerda, conectada aos trilhos ferroviários aparece a Estação do Ramal Fluvial do Porto, construída pouco antes deste registro fotográfico - imagem circulada na forma de cartão postal nas primeiras décadas do século XX. Ao fundo, à direta, vê-se um navio movido por motor a vapor, ancorado na antiga Ilha do José Malandro.

A pesquisa, em fase inicial de andamento, tem sistematizado a iconografia e vem fazendo a revisão bibliográfica, o que tem corroborado a validade do propósito aventado; qual seja, a validade da fonte iconográfica para enriquecimento da narrativa historiográfica do objeto. Tem sido possível reconhecer evidências das temporalidades arquitetônicos e urbanísticos daquela ambiência urbana.

#### 4. CONCLUSÕES

Acredita-se que a historiografia da cidade pode ser substancialmente enriquecida pelo estudo das imagens. Que o olhar do arquiteto e urbanista sobre a iconografia antiga pode ser importante para realizar uma leitura crítica e criteriosa das informações de cultura material (especialmente aspectos arquitetônicos e urbanísticos, das temporalidades da cidade) contida nas imagens. Espera-se que o trabalho contribua para a leitura da cidade do presente por meio de uma leitura das cidades do passado nela contidas, a partir da interpretação dos registros iconográficos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**. O uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: UNESP, 2017.

CASTRIOTA, Leonardo. **Paisagem cultural**: novas perspectivas para o patrimônio. Arquitextos, São Paulo, ano 14, n. 162.02, Vitruvius, nov. 2013. Acessado em 23 mar. 2019. Online. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.162/4960>.

GUTIERREZ, Ester J. B. Barro e Sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas. 1777-1888. Pelotas: UFPel, 2004.

PESAVENTO Sandra Jatahy. **Memória, História e Cidade**: lugares no tempo; momentos no espaço. Texto da disciplina Imaginário Urbano, Curso de Pós-Graduação, PROPUR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SCIFONI, Simone. Paisagem cultural. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copdoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.